

O Educador, a Cronista e a Matemática: um triângulo construído na EJA

Raíza Gonçalves Santos

Vitória da Conquista, Bahia e Brasil

raizaalevine@gmail.com

Especialista em Educação de Jovens e Adultos e Ensino de Matemática

Sabe quando você para e pensa no quanto já fez até chegar até aqui? Às vezes, recordo-me dos meus estágios a partir das lembranças que o próprio Facebook insiste em me mostrar. Entre fotos, publicações antigas e fragmentos de um tempo que parecia tão distante, reencontro alunos, salas, projetos e versões de mim mesma que ainda permanecem vivas na memória.

Boa parte dos educandos que tive durante os estágios me marcou profundamente, mas há algo na última turma que ainda permanece comigo de um modo diferente. Não sei se por representar o encerramento de um ciclo. Não sei se pela proximidade que construí com aqueles educandos. Talvez porque algumas experiências pedagógicas simplesmente se recusem a terminar quando o estágio acaba.

Nossa proposta inicial era desenvolver atividades mediadas pelas Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs). Na prática, porém, a realidade da escola nos apresentou outra lição. Não havia computadores suficientes, o acesso à internet não chegava até a unidade e, mesmo após tentativas de conexão, o recurso não se sustentou.

Foi nesse cenário que a docência precisou se reinventar. Não tem internet, usamos capturas de tela e o projetor. Não tem projetor, imprimimos. Não há o recurso ideal, inventamos outro. O que não podia acontecer era aquela turma, composta por 54 educandos, sair dali sem reconhecer o potencial que carregava.

Nesse movimento, compreendi que ensinar Matemática na EJA exige partir da vida que já acontece fora da escola, reconhecendo saberes que emergem do trabalho, do comércio e das práticas cotidianas como produção legítima de conhecimento situado.



Logo que cheguei à escola, percebi que alguns rostos já me reconheciam antes mesmo de eu conhecer seus nomes. A unidade ficava próxima da minha casa, e minha mãe trabalhava no hemocentro da cidade. Muitos me identificavam como “a filha dela”. Eu ainda não os conhecia por inteiro, mas já havia entre nós uma familiaridade silenciosa, dessas que se constroem antes mesmo da sala de aula.

Recentemente, uma postagem no Facebook me levou de volta àquela experiência. Uma educanda divulgava seu trabalho utilizando inteligência artificial. Ao ver aquela publicação, fui tomada por um flashback.

Algo que, naquele tempo, parecia apenas um recurso complementar transformou-se, mais tarde, em possibilidade concreta de trabalho e renda. A escola, nesse sentido, também é isso: um espaço em que certas aprendizagens não se encerram no tempo da aula, mas seguem germinando na vida.

As atividades com a turma nasciam justamente desse cotidiano. Muitos vendiam alimentos durante o intervalo. Lembro-me de uma educanda explicando, com segurança, como ajustava as quantidades de ingredientes para não ter prejuízo nas vendas. Sem nomeação formal, ela já operava com proporções, medidas e estimativas.

Foi desse cotidiano que surgiram propostas envolvendo unidades de medida padronizadas, medidas culinárias e uma atividade interdisciplinar com tema transversal: a doação de sangue.

Hoje, reconheço essas experiências como parte de uma proposta que venho desenvolvendo, as Crônicas para o Ensino de Matemática (CEM). Essas crônicas se estruturam como narrativas em que a Matemática emerge do vivido.

O que as define não é a exposição direta de conteúdos, mas o modo como eles permeiam a narrativa a partir do ambiente de aprendizagem construído pelo educador.

Nesse processo, as fronteiras entre áreas do conhecimento tornam-se menos rígidas, permitindo uma leitura transdisciplinar da prática educativa.



Naquele momento, a proposta ainda causava estranhamento. Havia quem se perguntasse se aquela aula era de Língua Portuguesa ou de Matemática. Talvez essa fosse justamente a potência da experiência: não caber em uma única disciplina.

Os educandos, entretanto, embarcaram.

Semana após semana, acompanhavam os textos como quem acompanha uma novela. As Crônicas da Giovanna despertavam curiosidade e identificação.

No fim do estágio, revelei que eu era a cronista por trás das histórias. A reação foi de surpresa e risos. Giovanna nunca existiu como pessoa, mas existiu como estratégia pedagógica e mediação sensível. É nesse sentido que a Etnomatemática deixa de ser conceito e passa a acontecer.

O etno se revela nos saberes culturais. O matema aparece na organização do pensamento. As ticas emergem das práticas cotidianas e das estratégias inventadas para resolver situações reais. Isso acontece quando a Matemática se reconhece na vida dos educandos.

Esse processo se fortalece quando a escola compreende que ensinar não é apagar a vida que o aluno traz, mas construir conhecimento a partir dela.

Ao revisitar essa experiência, compreendo que a transdisciplinaridade não foi recurso ocasional, mas forma de presença.

Entre a educadora, a cronista e a Matemática, constituiu-se um triângulo pedagógico que sustenta minha prática e organiza meu modo de compreender o ensino como experiência integrada.

Talvez essa seja a imagem mais precisa: não a da falta, mas a da invenção, que sustenta a aprendizagem como experiência viva e compartilhada.

O Educador, a Cronista e a Matemática: um triângulo construído na EJA

The Educator, the Chronicler, and Mathematics: a Pedagogical Triangle Constructed in Youth and Adult Education

El Educador, la Cronista y las Matemáticas: un triángulo pedagógico construido en la Educación de Jóvenes y Adultos

Resumo

A partir de uma experiência vivida na Educação de Jovens e Adultos (EJA), este trabalho reflete sobre como as EtnoMatemaTicas emergiram das práticas dos educandos, especialmente em atividades de comércio e culinária. Diante da limitação de recursos tecnológicos, colocou-se o problema de como promover o ensino de Matemática de forma significativa. Como objetivo, buscou-se compreender como a transdisciplinaridade, mediada por narrativas, possibilita articular saberes culturais e conceitos matemáticos. A experiência evidenciou que a aprendizagem se fortalece quando parte da vida vivida, constituindo uma prática integrada entre educador, cronista e Matemática.

Palavras-chave: EJA. EtnoMatemaTicas. Transdisciplinaridade. Ensino de Matemática. Experiência educativa.

Abstract

Based on an experience in Youth and Adult Education (EJA), this paper reflects on how Ethnomathematics emerged from students' practices, especially in trade and culinary activities. Faced with limited technological resources, the problem arose of how to promote meaningful Mathematics teaching. The objective was to understand how transdisciplinarity, mediated by narratives, enables the articulation of cultural knowledge and mathematical concepts. The experience showed that learning is strengthened when it starts from lived realities, constituting an integrated practice between educator, chronicler, and Mathematics.

Keywords: Youth and Adult Education. Ethnomathematics. Transdisciplinarity. Mathematics Teaching. Educational experience.

Resumen

A partir de una experiencia en la Educación de Jóvenes y Adultos (EJA), este trabajo reflexiona sobre cómo las EtnoMatemaTicas emergieron de las prácticas de los estudiantes, especialmente en actividades de comercio y culinaria. Ante la limitación de recursos tecnológicos, surgió el problema de cómo promover la enseñanza de las Matemáticas de forma significativa. El objetivo fue comprender cómo la transdisciplinariedad, mediada por narrativas, permite articular saberes culturales y conceptos matemáticos. La experiencia evidenció que el aprendizaje se fortalece cuando parte de la vida vivida.

Palabras clave: EJA. EtnoMatemaTicas. Transdisciplinariedad. Enseñanza de las Matemáticas. Experiencia educativa.

